

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O BELO ATRAVÉS DA FILOSOFIA NIETZSCHIANA: Uma leitura de *O Retrato de Dorian Gray*

*Yvisson Gomes dos Santos\**

**RESUMO:** O presente artigo discorre sobre o conceito do *belo* através da acepção filosófica de Nietzsche. Utilizaram-se das pulsões apolínea e dionisíaca na arte, bem como da intersecção destas pulsões com a obra de ficção *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, com a finalidade de se fazer elo entre o conceito do *belo* em Nietzsche através da ilustração da ficção irlandesa. Fizeram-se alguns apontamentos através da psicanálise como recurso complementar ao texto, no intuito de codificar o ideário do filósofo alemão com relação às suas considerações sobre o *belo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Belo. Nietzsche. Psicanálise

---

\***Yvisson Gomes dos Santos.** Psicólogo, especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Cidade de São Paulo e Academia Alagoana de Letras. Atualmente é mestrando em Educação – PPGE/CEDU/UFAL., tendo como orientador o Prof<sup>o</sup> Dr. Walter Matias Lima (CEDU/UFAL).

### **Introdução**

Dissertar sobre o conceito filosófico do *belo* e da *beleza* já nos leva, a princípio, à uma postura hermenêutica. Essa interpretação perpassa por leituras diversas sobre a gênese do *belo*, os caracteres da *beleza* na filosofia e na arte, bem como na finalidade de se pensar sobre a arte e dela se fazer uso, tanto no orbe teórico, bem como no prático. Esse campo de pesquisa passa inevitavelmente pela Estética, ou melhor dizendo, é fruto da mesma, que de acordo com F. Kainz:

a palavra Belo exprime, em primeiro lugar, aquilo que nos produz um máximo de satisfação plena e tranquila do gosto estético [...] a Estética como ciência do Belo, não há dúvida de que tomamos [...] tudo o que influi sobre nós, incluindo-se aí até certas ásperas categorias que lidam já com o Feio (KAINZ *apud* SUASSUNA, 2011, p. 24).

Desta sorte, escolheu-se o pensamento filosófico de Nietzsche como proposta de investigação sobre o *belo*, fazendo-se intersecção com a obra de ficção, *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde.

Os conceitos das pulsões dionisíacas e apolíneas foram traçadas com o recurso exemplificador da obra do irlandês no intuito de “traduzir de maneira mais agradável aquilo que os filósofos já teriam pensado de maneira complicada ou ‘abstrata’” (GAGNEBIN, 2006, p. 202), já que muito do que se escreve filosoficamente necessita de um aparato ilustrativo. Algumas teorias, ou teóricos, tal como o próprio Nietzsche, se utiliza de aforismos, de ideias que necessariamente precisam de esclarecimentos para se fazer compreender ao leitor desatento. Daí, este expediente na proposta do presente artigo de fazer interlocução entre o discurso filosófico e o discurso literário. Utilizamos, também, das investigações da psicanálise como complementar ao tema proposto, tentando-se fazer articulações teóricas precisas dentro do universo pesquisado, e sem, também, esquecer a fealdade como tema secundário, mas imanente a este artigo.

\*\*\*

Partindo do pressuposto que o conceito do *belo* e da *beleza* perpassa a nossa cultural ocidental, ou seja, de que vivemos imersos nesse universo onde o lugar da arte, sendo-a como um desdobramento do *belo*, se distende em diversas conceituações, adquirindo significações estéticas que “ao exprimir esse mundo próprio, se transcende para o seu sentido e se afirma como autônomo” (DUFRENNE, 1998, p. 83), entendendo-se essa significação como aquela

que caracteriza o sentimento que o Belo faz surgir em nós, e desta sorte, nascendo no universo interior do indivíduo faz também nascerem sentidos autônomos sobre o objeto pesquisado: que no caso é a estética do *belo*. Dadas as afirmações acima, vieram-nos algumas questões decorrentes à confecção deste artigo, a saber: o que seria a *beleza*? Ou sendo mais específico: o que quer dizer o Belo na teoria de Nietzsche? Como é possível defini-lo dentro de uma leitura exegética, mas em forma de apontamentos como proposto no título deste presente artigo?

Em um primeiro instante pode-se aferir que o *belo* é representado pelo ato da visão ou da audição. Entretanto esta última será categorizada pelas pulsões dionisíacas de Nietzsche no transcorrer deste texto. A visão produz outro e mais refinado sentido que é a percepção. Perceber é integrar a sensação a uma significação subjetiva. Desde então, se têm consequências simbólicas (no sentido de abstração e não de concretude), a saber, a compreensão particular do *belo* ou da *beleza* pela óptica de quem o contempla.

Recorro a Nietzsche, quando em meados do século XIX propôs que a arte, ou indo além, a beleza, teria duas significações: uma de origem apolínea e outra de origem dionisíaca. Ambas caminham juntas, mas com suas particularidades estéticas. Cita-se Nietzsche:

Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à inteligência lógica mas à certeza imediata da intuição de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco [...] A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico, a apolínea, e a arte não figurada da música, a de Dionísio: ambos impulsos, tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta (NIETZSCHE, 2007, p. 24)

Nossa cultura judaico-cristã influenciada por outras de cunho politeísta como a helênica, por exemplo, soube colocar o *belo* no contexto da forma, da estética e da luminosidade. Não à toa que o deus Apolo representa, de acordo com Nietzsche, o “aspecto imagético” e da “bela aparência” (2007, p. 25) que induz aos homens a racionalidade, ou, como se acrescenta, aos elementos cognitivos e da linguagem inerentes a nós, seres de desejo.

Pensa-se nas palavras do escolástico Tomás de Aquino ao dizer que o *belo* “é aquilo que agrada ver” (AQUINO *apud* JOLIVET, 1995, p. 338). Com toda certeza estamos falando de uma beleza que anima, que tem uma função catártica, pois faz com que o receptor esteja pronto a assimilar aquilo que consegue apreender através das feições sensíveis, e indo mais além, traduz a necessidade de junto com esse avatar imagético alcançar as filigranas de uma representação mental raciocinada, pensada e elaborada. Para Nietzsche o *belo* é “uma

sensação de prazer que nos oculta em seu fenômeno as verdadeiras intenções da vontade (2007, p. 46). Ou seja, o sentido do Belo para nosso filósofo passa invariavelmente pelo método schopenhaueriano da vontade (Cf. SCHOPENHAUER, 2005), no que para Nietzsche o sentido do Belo existe como uma forma do princípio da representação, e que esta mesma representação significaria grosso modo a uma ideia ou a uma intuição sobre o conceito de Belo que é, por sua vez, sensação que nos causa prazer.

Indo além, podemos considerar que o *belo* para o alemão tem seu sentido de eticidade, ou seja, a beleza agrada e nos dá prazer, e mais: o conceito de ética está presente na pulsão apolínea como harmonia, equilíbrio e nos limites que uma arte deveria se encontrar, a saber, no sentido da linearidade e da concordância com aquilo que é mensurável e sereno (compreendendo aqui a ética como estado de espírito, como aquilo que nos faz bem e nos dá prazer), que de acordo com Machado:

[...] esta dimensão estética da beleza está intrinsecamente ligada a uma dimensão ética. Neste sentido, beleza é calma, jovialidade, serenidade, sábia tranquilidade, limitação mensurada, liberdade com relação às emoções. Apolo, deus da bela aparência, é também a divindade ética da medida e dos justos limites (MACHADO, 2006, p. 209).

Até agora, o significado do *belo* ainda está preso às formas apolíneas da visão e da percepção. Contudo existe algo a mais, um componente especial, o dionisíaco. Eles (o apolíneo e o dionisíaco) são continuações estéticas, mas díspares em si mesmos. Tem-se outro deus, *Dioniso* (ou *Baco*, pela tradição greco-romana). A divindade do êxtase, do animismo, da música e da irracionalidade, muito mais voltada ao tato, ao olfato e à audição que são sentidos primevos e de conteúdos, supostamente, mais orgânicos. Apolo é da luz, iluminado (*Sed lux*, haja luz) e o outro das profundezas anímicas, mágicas e dos êxtases. Agora nesse contexto de irracionalidade pode-se referir ao inconsciente freudiano, comparado a tudo aquilo que escapa à consciência, pois é metaforicamente obscuro e de difícil acesso, sendo alógico, ou como enunciava Lacan (1988, p. 235), de outra ordem onde o lugar da existência não permite o pensamento e seu contrário também se legitima. Mas este inconsciente, mesmo que aparentemente inominado à consciência, possui uma beleza indescritível, pois guarda todas as nossas experiências extemporâneas que algumas vezes, e sempre, escapam para o consciente através de sintomas, dos atos falhos, dos sonhos e dos chistes.

Não se pode deixar de pontuar que o aspecto dionisíaco é Belo, mesmo ele sendo bruto, vacilante e caótico. Podemos dizer que sejam esses aspectos os iniciais, mas que o

impulso dionisíaco tem feições de um tipo de beleza, segundo Nietzsche (2007, p. 6), que transcende a luz da razão (mas não é razão), e que esse tipo de beleza está para o aspecto da embriaguez, enquanto que o apolíneo do sonho e da imagem, no sentido de forma, de representação imagética. Passemos agora a intersecção da filosofia de Nietzsche com uma obra de ficção da literatura irlandesa da época vitoriana.

\*\*\*

Até o momento, já se conhece o que significa o Belo e a Beleza para o filósofo alemão, suas particularidades que se confluem, mas que também se destoam. Desta feita resta-nos uma pergunta: como poderia ilustrar esses dois conceitos para melhor entendimento?

Oscar Wilde é a possibilidade de interlocução entre os conceitos citados acima, mais especificamente no seu único romance intitulado *O Retrato de Dorian Gray*, de 1891. Nele, Wilde agrega à representação literária de fealdade (Dioniso) e de beleza (Apolo), antagonizados. Frisa-se que estas categorizações são inspiradas em Nietzsche, especificamente em sua penúltima obra, *Crepúsculo dos ídolos*, quando enunciava que

No belo, o ser humano se coloca como medida da perfeição [...] adora nele a si mesmo [...] No fundo, o homem se espelha nas coisas, considera belo tudo o que lhe devolve a imagem [...] o feio é entendido como sinal e sintoma da degenerescência [...] Cada indício de esgotamento, de peso, de senilidade, de cansaço [...] tudo provoca a mesma reação: o juízo de valor ‘feio’ (WILDE *apud* ECO, 2007, p. 15)

Passemos agora ao texto do irlandês.

O personagem Dorian guarda segredos. Ele possui uma vida promíscua, mata seu amigo, o pintor Basil Hallward, e toda uma sorte de desgraças o acometem. Mas ele permanece belo e diáfano. Entretanto, no quadro pintado é reservado seu outro lado, o monstruoso, o que não se tem luminosidade, mas sim, horror. Como jovem, Dorian permanece na acepção apolínea: encanta a todos com sua “eloqüente beleza” (WILDE, 2009, p. 161). Na obra de arte pintada por Basil guardam-se os assombros de um ser dionisíaco, encanecido pelo grotesco, todavia, e agora, numa tentativa de explicação, paradoxalmente belo (agora em minúscula por se tratar de uma adjetivação). Se é assim a beleza passa também pela fealdade e pelo grotesco, entendendo-os aqui “como o feio em si, o feio formal e a representação artísticas de ambos (ECO, 2007, p. 20), bastando interpretá-la pelo viés da

subjetividade, pois o olhar da fealdade pode trazer prazer, enquanto que o do belo, algumas vezes, o seu contrário. Essa particularidade foi pesquisada por Freud em seu artigo *o Estranho*, de 1919, no qual diz que o estranho ou o estrangeiro (vendo-o como atípico) pode despertar medo, incompreensão no sujeito que o desconhece. Bem como ele pode, contrariamente, causar-nos curiosidade e desejo, devido ao nosso estado de desconhecimento que temos, a princípio, do mesmo, induzindo-nos assim a ver uma suposta beleza no desconhecido, que antes era considerado medonho e ameaçador (Cf. FREUD, [1919] 1986).

A interioridade da fealdade pode existir como tema do inconsciente, no qual tudo é depositado: os fantasmas, os traumas e o que é recalcado. O personagem ficcional em análise é feio e obscuro dentro de si, mas mantém o enlace da beleza na forma, na estética da “maldição demoníaca”, nas palavras do Lorde Henry (WILDE, 2009, p. 169), ocorrida por um misterioso pacto que imprime graciosidade a Gray, colocando às vistas dos outros personagens do romance como sendo eternamente jovem e sedutor. Entretanto o quadro atesta ao Dorian Gray o seu lado medonho, com feições tétricas e infaustas. Precisa-se pontuar que tais adjetivações perpassam pela visão que nós ocidentais temos do que seja belo (agora em minúscula por se tratar de adjetivo) e feio. O belo transcende, ilumina. Os santos eram belos. As pinturas renascentistas eram belas, pois conjugavam a simetria corporal com o aspecto da luminosidade cromática. Nesse aspecto, somos devedores da cultura da ilustração e das relações anteriores que a Igreja e seu medievalismo impregnaram à nossa forma de conceber a beleza e a fealdade através de um longo processo histórico. A escuridão pertencia ao mal, ao bruxo, ao velho, ao maniqueísta, dentre outros, pois eles eram representados para a cultura cristã como feios e horrendos, sendo “punidos por esses defeitos com a expatriação ou a própria morte” (ECO, 2007, p. 324). Mas não nos esqueçamos que na Grécia Clássica tudo aquilo que fugia da bela imagem era degredada, a exemplo dos sátiros e feiticeiras, bem como das mulheres e crianças. Talvez estes dois últimos sejam exemplares de beleza na atualidade, mas tido como, algumas vezes, repugnantes aos gregos antes da era comum.

Depois dessa digressão, voltemos ao personagem da ficção. Dorian se vê na pintura e de súbito pega um instrumento cortante e perfura a tela. Nesse momento o protagonista morre, pois o quadro era ele e sua essência real e abominável agregadas.

Aquilo que é dionisíaco está representado na imagem da pintura de Basil. Há uma miragem alucinógena que migra pelos esconderijos de uma bacante *alumbrada* que “devora corpos e pessoas vivas” (EURÍPEDES, 2003, p. 15). O aspecto amorfo do quadro representa os elementos do inconsciente, um *anti-signo*. Enquanto que a forma cotidiana da beleza de

Dorian é a plástica de um deus perfeito, sem mácula, na qual todos o adoram e o têm em grande afeição. O espanto de sua formosura é mitigado pela realidade escondida numa obra de arte, expediente de malefícios que demonstra quem é o exato protagonista do romance escrito no auge da era vitoriana.

A ideia de *beleza* é hermenêutica, pois somente com este recurso posso dar contornos interpretativos a ele, no qual ele pode se escandir e escapar pelo viés da linguagem e de seus sentidos simbólicos. Mas, como sentidos simbólicos, pergunta-se? Através das suas figuras de estilo, a saber, da metonímia, em que se substitui um termo pelo outro, no campo representacional, bem como da metáfora que pode utilizar-se do termo beleza através de comparações implícitas ou de sentidos figurados (referimo-nos aqui a vários adjetivos que podem caracterizar o feio e o belo no campo semântico). Não nos esqueçamos que a representação estética perpassa pela alusão da subjetividade, pois cada indivíduo ou sociedade pode entender e assim descrever o que lhes cabe como “iluminado” (belo, beleza) ou “amaldiçoado” (feio, grotesco) dentro de seus espaços psíquicos e sociais contemporâneos e extemporâneos (Cf. BAYER, 1978; PAREYSON, 2001).

Dorian é a imagem do ser que pode aprisionar tanto a beleza como pode atrair a morte no sentido alegórico dessa palavra que conjuga *Amor-te* (amor e morte consubstanciados). Olhar a fealdade de Dorian no quadro é não ter palavras a tamanho horror, ela fica no não-dito, diferentemente do belo que é visto pelos outros personagens do romance no sentido do dito e do falado, pois ali está o cerne da “iluminação contemplativa” (NIETZSCHE, 2005, p. 23) e, desta feita, apolínea, do jovem inglês. Ele, o protagonista de Wilde, jamais será acusado de torpezas da alma, não existe pecado em suas vestes corporais, entretanto a sua realidade jaz alojada explicitamente no infeliz “espelho cromático” da tela do pintor Basil.

Nesses dois tipos de Beleza, a apolínea e a dionisíaca, encontramos a antítese dualista do bem e do mal. Repetindo: o irracional é o dionisíaco e o seu contraponto é o apolíneo. Este último é inerente à formação cultural da sociedade ocidental que preza as luzes como elemento da razão e do bem (Cf. ECO, 2007; SPENCER, 1999).

Para ratificar o que fora exposto neste artigo, recorro mais uma vez a Nietzsche que vem definir as duas pulsões, a apolínea e a dionisíaca, da seguinte maneira. Ei-lo:

O homem alcança em dois estados o sentimento de delícia em relação à existência, a saber, no sonho e embriaguez. A bela aparência do mundo onírico [o apolíneo], no qual cada homem é um artista pleno, é o pai da arte plástica [...] e também de uma metade importante da poesia” (p. 06).

Entretanto, “na arte dionisiaca [...] o subjetivo desaparece diante do poder eruptivo do humano-geral, do natural-universal, a terra traz os seus dons, as bestas mais selvagens aproximam-se [...] a partir de algo sobrenatural” (NIETZSCHE, 2005, p. 8).

A ideia de ambas as pulsões perpassam por algumas disparidades, ora sendo a apolínea ligada às representações imagéticas, ora sendo a dionisiaca vinculada à embriaguez e a selvageria. Esta última foi traduzida por Nietzsche como uma força maior, até trágica em suas obras inaugurais, entretanto os possíveis paradoxos destes dois elementos da arte, o de Apolo e o outro o de Dionísio, caracterizam a apoteose que o filósofo alemão propôs em definir o gérmen da nossa cultura ocidental amparada nessa dialética da imagem versus irracionalidade no desenvolvimento histórico e cultural que veio dos helênicos e que, posteriormente, nos contaminou pela esfera da ideação.

## **Conclusão**

Pensar sobre as pulsões dionisiacas e apolíneas dentro do universo de Nietzsche nos traduz a dimensões interpretativas. O jogo do interdito, da linguagem do sonho, da aparência (Apolo) e da embriaguez e irracionalidade (Dionísio) propostas pelo alemão, coligam-se bem com o universo helênico e com o nosso pensamento ocidental moderno. O Belo é agradável a quem o vê; já o feio traduz a degenerescência do homem, o aspecto horrendo e abjeto que nos depararemos inevitavelmente com ele em algum momento da vida. Mas com a intersecção da literatura com a filosofia do alemão, pudemos pensar que a duplicidade das pulsões ganhou características próprias, muitas vezes anômalas no contexto deste artigo, e de outras vezes semelhantes e coligadas. A psicanálise veio para ornar o texto de Nietzsche e o de Oscar Wilde, dando um sentido a filosofia do alemão, bem como à ilustração da obra literária do irlandês.

Podemos ratificar que a filosofia de Nietzsche estudada neste artigo observou os possíveis paradoxos artísticos como formadores estéticos de nossa cultura ocidental. O apolíneo traz a imagem, a figuração plástica e a cognição, já o dionisiaco, a embriaguez e o vaticínio do ser humano que está fadado também à irracionalidade, mas que dela se consegue observar os influxos do nascimento de uma possível subjetividade. A teoria da psicanálise confirmou a leitura que fora feita neste artigo sobre o Belo, a saber: trouxe-nos a compreensão de que somos seres de desejo, e que nosso desejo perpassa inevitavelmente pela escansão *Amor-te*, pulsões de amor e de morte que se aproximaram com as de Nietzsche.

## Referências

- BAYER, R. *História da estética*. Lisboa: Estampa, 1978.
- DUFRENNE, M. *Estética e Filosofia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- ECO, H. *A História da Feiúra*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- EURÍPEDES. *As Bacantes*. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- FREUD, S. *O Estranho*. In.:Obras completas. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GAGNEBIN, J.M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- JOLIVET, R. *Curso de filosofia*. Trad. Eduardo Prado de Mendonça. Rio de Janeiro: Agir, 1995.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- MACHADO, R. *O Nascimento do Trágico: de Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.
- NIETZSCHE, F. *A visão dionisiaca do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Nascimento da Tragédia ou o Helenismo e Pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PAREYSON, L. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**Yvisson Gomes dos Santos**

SCHOPENHAUER, A. *O Mundo como Vontade e Representação*. Tradução apresentação e notas de Jair Barbosa. São Paulo: UNESP, 2005.

SPENCER, C. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SUASSUNA, A. *Iniciação à estética*. – 11ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

WILDE, O. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Editora Landmark, 2009.

CONSIDERATIONS ON THE BEAUTIFUL THROUGH NIETZSCHEAN PHILOSOPHY: READING OF *THE PICTURE OF DORIAN GRAY*

**ABSTRACT:**

This article discusses the concept of *beauty* through the philosophical sense of Nietzsche. We used the Apollonian and Dionysian impulses in art, and the intersection of these drives with the fictional work *The Picture of Dorian Gray*, Oscar Wilde, in order to make the link between the concept of *beauty* in Nietzsche through illustration Irish fiction. They made up some notes through psychoanalysis as a complementary resource to the text in order to encode the ideas of German philosopher with respect to its consideration of the *beautiful*.

**KEYWORDS:** Beautiful. Nietzsche. Psychoanalysis.

CONSIDÉRATIONS BELLES PAR LA PHILOSOPHIE NIETZSCHÉENNE: LECTURE DU PORTRAIT DE DORIAN GRAY

**RÉSUMÉ:**

Cet article examine le concept de *beauté* dans le sens philosophique de Nietzsche. Nous avons utilisé les impulsions apollinien et dionysiaque dans l'art, ainsi que l'intersection de ces entraînements avec le travail fictif Le Portrait de Dorian Gray, Oscar Wilde, afin de faire le lien entre le concept de la *beauté* chez Nietzsche à travers l'illustration fiction irlandaise. Ils constituaient des notes par la psychanalyse comme une ressource complémentaire au texte afin de codifier les idées du philosophe allemand en ce qui concerne l'examen de la *Foire*.

**MOTS-CLÉS:** Belle. Nietzsche. Psychanalyse.

**Yvisson Gomes dos Santos**

Recebido em : 19-09-2013

Aprovado em: 10-12-2013

© 2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)